



Vivência no Seringal Semitumba - um aprendizado etnobotânico.
Living in the Semitumba Seringal - an ethnobotanical learning.

SANTOS, Valeria Tebinka¹; MOREIRA, Mirella Santos², MING, Lin Chau³
¹UNESP, vatebinka@hotmail.com; ²UNESP, mira_014@hotmail.com; ³UNESP,
linming@fca.unesp.br.

Tema gerador: Educação Formal em Agroecologia

Resumo: A disciplina de etnobotânica para estudantes de graduação e pós-graduação acontece há mais de 20 anos. A proposta da disciplina é que os estudantes possam vivenciar o cotidiano de famílias extrativistas de forma profunda e interativa, proporcionar trocas entre o conhecimento popular e acadêmico, valorizando os trabalhos locais. Em julho de 2018 a disciplina aconteceu novamente, sediada na Universidade Federal do Acre (UFAC) e Reserva Extrativista “Chico Mendes”, por 23 dias. Por meio de conversas e entrevistas semiestruturadas, dados foram levantados e levados ao meio acadêmico, demonstrando de forma científica a importância do território, das pessoas que o habitam, seus cultivos, a forma com que praticam a agricultura e que interferem na paisagem (relação homem-floresta). A compilação dos dados levantados em campo resultará em um livro, além de uma exposição itinerante de fotos e textos curtos que os alunos estão realizando em suas universidades, a fim de divulgar as atividades e os resultados da pesquisa.

Palavras-Chave: Etnobotânica; Conhecimento tradicional; Agroecologia; Reserva extrativista.

Keywords: Ethnobotany; Traditional knowledge; Agroecology; Extractive reserve.

Contexto

Várias linhas de pesquisa modernas relacionadas às Ciências Ambientais procuram entender a relação entre as sociedades humanas e o ambiente que as cerca, incluindo outras espécies biológicas (REIS, et al. 2012). Segundo Guterres (2006), a agroecologia não é uma disciplina e sim um enfoque transdisciplinar teórico e metodológico que através de várias disciplinas científicas pretende estudar a atividade agrária desde uma perspectiva ecológica, através da vinculação essencial que existe entre solo, planta, animal e ser humano.

Além disso, a agroecologia é uma ciência ampla que envolve uma diversidade de olhares, não somente para as questões ambientais, mas também para as pessoas e suas comunidades através de sua cultura, sua arte, seu modo de vida e de se alimentar. Em meio a tanta riqueza que nosso país possui, o Acre é um dos estados que ainda mantém viva e forte a sua cultura e foi nesse estado ao norte do país que houve a oportunidade de aprender o que é etnobotânica, outra ciência que casa muito bem com a essência da agroecologia.

Lin Chau Ming, que é professor do Departamento de Horticultura da Faculdade de Ciências Agrônomicas da UNESP, câmpus de Botucatu, é responsável pela disciplina de etnobotânica para estudantes de graduação e pós-graduação há mais



de 20 anos. A etnobotânica é a relação das pessoas ou de um povo com as plantas, ou seja, que plantas usam, para que usam, qual a finalidade em usá-las nos ambientes onde vivem; é o estudo da importância das plantas no cotidiano das pessoas e o quanto isso representa para elas.

Em julho de 2018 a disciplina de pós-graduação aconteceu novamente e dessa vez no estado do Acre, sendo sediada na Universidade Federal do Acre (UFAC) durante o período das aulas teóricas e pela Reserva Extrativista “Chico Mendes” durante as aulas práticas em campo. Neste ano, além do professor Lin, a disciplina foi ministrada também pela professora Natalia Hanazaki, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pelo professor Valdely Kinupp, do Instituto Federal da Amazônia (IFAM-AM). Os alunos participantes eram de diferentes instituições de ensino e regiões do Brasil, como do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), Universidade Estadual Paulista (UNESP), da Universidade Federal do Acre (UFAC), do Instituto Federal do Acre (IFAC) e da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O curso teve duração de 23 dias, sendo que na parte teórica, ministrada pela professora Natália Hanazaki, os alunos puderam discutir os entraves e perspectivas que envolvem o estudo etnobotânico, além de realizar atividades metodológicas que auxiliariam no período prático da disciplina.

O professor Valdely Kinupp, autor do livro “PANC (Plantas Alimentícias Não Convencionais)”, auxiliou a turma durante o decorrer da disciplina, tanto na parte teórica quanto prática, predispondo sua experiência botânica e utilitarista das espécies locais ao conhecimento dos alunos. O professor Lin Chau Ming, por sua vez, orientou toda a parte prática de campo da disciplina com a experiência nas comunidades de seringueiros da região.

A proposta da disciplina é que os estudantes possam vivenciar o cotidiano das famílias de forma profunda e interativa, proporcionar trocas entre o conhecimento popular e acadêmico, valorizando os trabalhos locais e conhecendo de perto a rotina do seringueiro e do coletor de castanha.

Descrição da Experiência

Para a avaliação etnobotânica no seringal utilizamos como metodologia de pesquisa conversas, entrevistas semiestruturadas e observação participativa (BERNARD, 1988), as quais ajudaram no pouco tempo que tínhamos, e através disso, dados foram levantados e levados ao meio acadêmico, demonstrando de forma científica a importância do território, das pessoas que o habitam, seus cultivos, a forma com que praticam a agricultura e que interferem na paisagem (relação homem-floresta).

As atividades práticas da disciplina englobaram caminhadas pela mata, observação de plantas e descrição botânica com os professores, reconhecimento de plantas com os moradores locais (medicinais, alimentícias, madeiras, etc), retirada de



látex de seringueiras e seu preparo para comercialização, coleta e preparo dos “ouriços” das castanhas, colheita de feijão e colheita de mandioca, além da produção de farinha e subprodutos.

Os alunos se dividiram em grupos de pesquisa para realizarem as entrevistas e os levantamentos socioeconômicos, sendo que cada grupo atuou em diferentes locais dentro do seringal, que são designadas como colocações pelos seringueiros. Essas colocações podem ser definidas como bairros ou propriedades em que famílias habitam e desenvolvem suas atividades agroextrativistas.

As famílias localizam-se distantes umas das outras e as visitas eram feitas a pé, chegando por vezes, serem exercidas caminhadas de 7 km para chegar em uma casa, sendo necessário tempo para visitá-las. Os grupos foram formados com representantes de cada tema a ser pesquisado, estratégia tomada para atingir a maior quantidade de famílias e se obter o maior número de informações possíveis.

Para o desenvolvimento dos trabalhos requeridos pela disciplina foram escolhidos temas pelos grupos de alunos, que além da coleta de informações pessoais, socioeconômicas e relacionadas ao cultivo efetuado pelas famílias, como por exemplo, o plantio de feijão e suas variedades, coletaram-se também dados etnobotânicos, abrangendo espécies medicinais, de reza e alimentícias, além das utilizadas na construção civil.



Figura 1. Prof. Lin com Zé Gaudêncio e sua esposa, segurando o livro de autoria de Zé. Foto: Valeria Tebinka.



Figura 2. Grupo de alunos da disciplina de etnobotânica na casa de um dos seringueiros. Foto: Ariel Molina



Figura 3: Alunos participando do beneficiamento de mandioca. Foto: Valeria Tebinka.



Figura 4: Grupo em caminhada e ao lado uma castanheira. Foto: Valeria Tebinka.

Resultados

Dentro das universidades poucas são as disciplinas que além de levar o conhecimento aos alunos proporcionam vivenciar cotidianos e culturas. A imersão em uma comunidade é uma maneira de compreender e praticar a etnobotânica, e isso leva os alunos a se desenvolverem de forma profissional e pessoal. Talvez a palavra agroecologia não tenha sido utilizada entre as pesquisas e entrevistas, mas estava presente em cada detalhe, todos os dias.

A estadia no seringal de quase duas semanas traz uma vivência única, uma mudança na forma de pensar e viver, o afastamento dos meios de comunicação e tecnologia nos mostra como já somos dependentes e viciados, a alimentação com menos produtos industrializados modifica nosso paladar, que há muito vem sendo dominado pelo açúcar e sabores artificiais. A socialização com as pessoas, tanto do seringal como das diferentes regiões do país, é diariamente enriquecedora, resgata a partilha, o respeito, comunicação e paciência, coisas básicas em que a sociedade urbana cada vez mais vem perdendo.

Foi incrível conhecer a enorme gama de plantas (cascas/frutos/resina) que podem ser retiradas da mata para manutenção da saúde e alimentação das famílias, como: copaíba, breu, jatobá, açai, castanha, ingá de metro, guaribinha, patoá, bacaba, ouricuri e tantas outras, sendo que desta forma pudemos entender o quanto é importante para estas famílias a manutenção da floresta viva.

A compilação dos dados levantados em campo resultará em um livro, com a proposta de novas abordagens dentro da temática etnobotânica e etnoecológica,



além de uma exposição itinerante de fotos e textos curtos que os alunos estão realizando em suas universidades, divulgando os resultados da pesquisa e expressando a cultura e a realidade dos que vivem e já viveram no seringal.

Agradecimentos

Agradecemos ao professor Lin Chau Ming pela oportunidade, aos seringueiros e seus familiares pelo acolhimento e conhecimentos transmitidos e também à PROCAD pelo apoio financeiro.

Referências bibliográficas

BERNARD, H. R. **Research Methods in Cultural Anthropology**. Newbury Park: Sage Publications, 1988.

GUTERRES, E. Bases teóricas e epistemológicas da agroecologia a partir da sociologia rural. In: GUTERRES, I. **Agroecologia militante: contribuições de Enio Guterres**. São Paulo: Expressão popular, 2006. 184 p.

REIS, M. S.; PERONI, N.; MARIOT, A.; STEENBOCK, W.; FILIPPON, S.; VIEIRA-DA-SILVA, C.; MANTOVANI, A. Uso sustentável e domesticação de espécies da Floresta Ombrófila Mista. In: MING, L. C.; AMOROZO, M. C. M.; KFFURI, C. W. **Agrobiodiversidade no Brasil: experiências e caminhos da pesquisa**. Recife: NUPPEA, 2012. V. 6. 394 p. (Série Estudos & Avanços).